

Corpo estranho¹

Beatriz Helena Martins de Almeida

Resumo

Esse trabalho apoia-se no enunciado de Lacan (1972-1973): “O gozo do Outro, do corpo do Outro que O simboliza, não é o signo do amor”. O gozo do Outro, do corpo do Outro, aponta para a impossibilidade que figura entre saber e verdade. Do gozo do parceiro na relação sexual nada se sabe; bem como do gozo do próprio corpo pouco se sabe, gozo contingencial e evanescente, que não se apreende e aponta para a verdade da não relação sexual. Lacan (1962-1963) menciona a experiência do íncubo para ilustrar a angústia promovida pelo gozo do Outro. As primeiras manifestações sexuais na passagem para a adolescência podem ser experimentadas como intrusão do gozo do corpo como horror, podendo chegar até a fenômenos de despersonalização. Dois fragmentos clínicos e algumas passagens da peça “O despertar da Primavera” (Wedekind, 1891/2009) o ilustram. O amor busca, de maneira equívoca, fazer Um a partir desse encontro faltoso e falhado. Amor que uma análise pode franquear, na medida em que, paradoxalmente, deixa-se cair a pergunta sobre o que se é nisso.

Palavras-chave:

Corpo; Gozo; Adolescência; Sexualidade; Amor.

Strange body

Abstract

This work is based on Lacan's statement (1972-1973): "The *jouissance* of the Other, of the body of the Other that symbolizes Him, is not the sign of love." The *jouissance* of the Other, of the body of the Other, points to the impossibility that figures between knowing and truth. Nothing is known about the *jouissance* of one's partner in a sexual relationship; likewise, little is known about the *jouissance* of one's own body, evanescent *jouissance* and by contingency, that cannot be apprehended and which points to the truth of the nonexistent sexual relation. Lacan (1962-1963) mentions the incubus experience to illustrate the anguish promoted by the

1 Versão ampliada do trabalho apresentado no XX Encontro Nacional da EPFCL Brasil: Política do Corpo, realizado em Aracaju, em outubro de 2019.

jouissance of the Other. The first sexual manifestations in the passage to adolescence can be experienced as an intrusion of the *jouissance* of the body, as horror, and may even reach depersonalization phenomena. Two clinical vignettes and a few passages from *Spring awakening* (Wedekind, 1891/2009) illustrate this. Love mistakenly seeks to make One out of this faulty and failed encounter. Love that a psychoanalysis can franchise (free), as, paradoxically, the question about what one is in it can be dropped.

Keywords:

Body; Jouissance; Adolescence; Sexuality; Love.

Cuerpo extraño

Resumen

Este trabajo se apoya en el enunciado de Lacan (1972-1973): “El goce del Otro, del Otro, del cuerpo del otro que Lo simboliza, no es signo de amor”. El goce del Otro, del cuerpo del Otro, señala hacia la imposibilidad que figura entre saber y verdad. Del goce del compañero en la relación sexual nada se sabe; así como, del goce del propio cuerpo poco se sabe, goce contingencial y evanescente, que no se aprende y apunta hacia la verdad de la no relación sexual. Lacan (1962-1963) menciona a experiencia del incubo para ilustrar la angustia promovida por el goce del Otro. Las primeras manifestaciones sexuales en el paso hacia la adolescencia pueden ser experimentadas como intrusión del goce del cuerpo como horror, pudiendo llegar hasta a fenómenos de depersonalización. Dos fragmentos clínicos y algunos pasajes de la obra *El despertar de la primavera* (Wedekind, 1891/2009) lo ilustran. El amor busca de manera equívoca hacer Uno a partir de ese encuentro faltoso y fallado. Amor que un análisis puede franquear, en la medida en que, paradójicamente, se deja caer la pregunta sobre lo que se es en eso.

Palabras clave:

Cuerpo; Goce; Adolescencia; Sexualidad; Amor.

Corps étrange

Résumé

Cet travail est basé sur l'énoncé de Lacan (1972-1973) qui dit que « la jouissance de l'Autre, du corps de l'Autre qui le symbolise, n'est pas le signe de l'amour ». La

jouissance de l'Autre, du corps de l'Autre, vise l'impossibilidade que se situe entre savoir et vérité. On ne sait rien de la jouissance du partenaire dans un rapport sexuel, ainsi que, de celle de son propre corps, on en sait très peu, jouissance contingente e evanescente, qu'on ne saisit pas e que vise la vérité du non rapport sexuel. Lacan (1962-1963) évoque l'expérience de l'incube pour illustrer l'angoisse suscitée par la jouissance de l'Autre. Les premières manifestations sexuelles dans le passage à l'adolescence peuvent être ressenties comme une intrusion de la jouissance du corps comme horreur, e peuvent aller jusqu'à des phénomènes de dépersonnalisation. Deux fragments cliniques e quelques passages de la pièce *L'éveil du printemps* (Wedekind, 1891/2009) l'illustrent. L'amour cherche de façon équivoque à faire Un à partir de cette rencontre fautive e manquée. Amour qu'une analyse peut franchir dans la mesure où, paradoxalement, on laisse tomber la question de ce qu'on y est.

Mots-clés:

Corps; Jouissance; Adolescence; Sexualité; Amour.

A Lua cobre o rosto. E depois tira de novo o véu. Mas nem por isso parecer alguma coisa a dizer”.

(Wedekind, 1891/2009)

O gozo do Outro

Parto do enunciado de Lacan (1972-1973/2010, p. 15) no seminário *Encore*: “O gozo do Outro, do corpo do outro que O simboliza, não é o signo do amor”.

Do gozo do parceiro na relação sexual nada se sabe; bem como do gozo do próprio corpo pouco se sabe, gozo contingencial e evanescente, que não se apreende e aponta para a verdade da não relação sexual.

Esse enunciado aponta para a impossibilidade que figura entre saber e verdade. No seminário “*Encore*”, Lacan (1972-1973/2010, p. 258) diz que: “o Real é o mistério do corpo que fala, é o mistério do inconsciente”. E no “Prefácio a O despertar da primavera” diz que “aquilo a que Freud chama ‘sexualidade’ faz furo no Real” (Lacan, 1974/2003, p. 558).

No seminário “A angústia”, Lacan (1962-1963/2005) menciona o mito demoníaco do incubo para ilustrar o horror promovido pelo gozo do Outro.

As primeiras manifestações sexuais na puberdade podem ser experimentadas como intrusão do gozo no corpo como horror, podendo chegar até a fenômenos de despersonalização. Dois fragmentos clínicos e a peça “O despertar da primavera” o ilustram.

Ele, doze anos, sentado na cama, prestes a deitar-se para dormir, sentiu um “tapa” na face. Veio à análise depois de um ano, devido a alguns episódios de cri-

ses de ansiedade, muito similares à síndrome do pânico: dor no peito, taquicardia, respiração ofegante, suor e ansiedade. E o sentimento de risco iminente.

Ela, quinze anos, acabara de ter sua primeira relação sexual, de volta à sua casa, ao deitar-se, sentiu uma pressão no peito, tentou levantar e não conseguiu, tentou falar, tentou gritar, e sua voz não saiu; era como se alguém a imobilizasse e a impedisse de gritar. Durou alguns minutos até que conseguiu libertar-se, quando precipitou-se aos prantos nos braços da mãe, sem poder dizer nem uma palavra.

A peça “O despertar da primavera” (Wedekind, 1891/2009) versa sobre o despertar da sexualidade na adolescência, revelando o que a experiência comporta de mal-sucedida. A respeito do sonho dos meninos de fazer amor, Lacan diz (1974/2003, p. 557) que eles não sonhariam com isso sem despertar de seus sonhos.

Sonhos que fazem despertar, geralmente, são pesadelos. Lacan (1962-1963/2005, p. 72), no seminário “A angústia”, considera o livro de Jones “Sobre o pesadelo” de uma riqueza incomparável. Os pesadelos caracterizam-se por causar pavor, sentimento de opressão sobre o peito, que interfere na respiração, sufocação e uma paralisia desamparada. Para Jones, os pesadelos têm um tema recorrente:

Um demônio obscuro que se deita sobre o sonhador para copular (...) mas o pesadelo tem uma posição singular entre os sonhos de angústia, porque seu conteúdo latente é bastante estereotipado: o coito em uma posição caracteristicamente feminina. O peso no peito, a passividade da entrega, palpitações, suores e sufocação são, em cores exageradas, o que se sente no coito. (Rudge, 2005, p. 4)

Nesse livro, Jones evoca o mito do íncubo e do súcubo e estabelece uma relação entre sexualidade e terror.

O fenômeno do íncubo presente no pesadelo se manifesta como paralisia desamparada que deixa o sonhador cativo do gozo do Outro, reduzido à condição de objeto. Vejamos como Lacan o descreve:

A angústia do pesadelo é experimentada, propriamente falando, como a do gozo do Outro. O correlato do pesadelo é o íncubo ou súcubo, esse ser que nos comprime o peito com todo o seu peso opaco de gozo alheio, que nos esmaga sob seu gozo. A primeira coisa que aparece do mito, bem como no pesadelo vivenciado, é que esse ser que pesa por seu gozo é também um ser questionador, que se manifesta na dimensão da pergunta a que chamamos enigma. (Lacan, 1962-1963/2005, p. 73)

Um diálogo entre Moritz e Melchior, na peça “O despertar da primavera” (Wedekind, 1891/2009, p. 8), ilustra bem essa dimensão de enigma que pesa sobre os personagens:

MORITZ — Você já sentiu?

MELCHIOR — Sentiu o quê?

MORITZ — Como foi que você chamou a coisa?

MELCHIOR — O instinto?

MORITZ — É.

MELCHIOR — Muito.

MORITZ — Eu também.

MELCHIOR — Na verdade, eu tenho tido essa coisa já faz um tempo. Um ano.

MORITZ — Na hora eu pensei que um raio tinha me acertado.

MELCHIOR — Tinha sonhado?

MORITZ — Só um pouco. Tinha essas pernas com meias azuis, que iam subindo pela mesa do professor. Pra falar a verdade, foi tudo muito rápido.

(...)

MORITZ — Se você soubesse o que eu passei naquela noite.

MELCHIOR — Ficou com remorso?

MORITZ — Remorso?... Fiquei morto de medo.

MELCHIOR — Meu Deus.

MORITZ — Pensei que eu tinha uma doença sem cura, que eu ia apodrecer por dentro. Aí eu comecei a anotar tudo num diário e isso foi me acalmando. Melchior, essas últimas três semanas foram um calvário pra mim.

MELCHIOR — Quando aconteceu comigo eu estava mais ou menos preparado. Fiquei com um pouco de vergonha, mas foi só.

(...)

MORITZ — Não é uma brincadeira muito estranha essa que pregam na gente, Melchior? Todas essas coisas acontecendo. (...) Eu nunca senti nada assim antes — esse tipo de desejo, essa excitação insuportável. É insuportável. (...) Sabe Deus de onde eu vim ou como eu cheguei aqui. Agora é assumir a responsabilidade por ter nascido. Você já pensou, Melchior, como é que a gente veio parar nesse redemoinho? Já tentou descobrir isso, Melchior?

(...)

MORITZ — Eu já revirei a enciclopédia, do A até o Z. Palavras, só palavras e mais palavras! Mas nem uma única e simples explicação do que realmente acontece. Essa sensação é estranha — de vergonha. Pra que serve uma enciclopédia que responde tudo, menos a pergunta mais importante sobre a vida?

Essa dimensão de enigma, presente na pergunta de Moritz, explicita a hiância existente entre saber e verdade.

Voltemos à questão do pesadelo. O fenômeno do *íncubo* é explicado pela neurologia como paralisia do sono, geralmente ocorre antes de a pessoa adormecer ou imediatamente ao acordar, quando o cérebro está saindo da fase *REM* para um estágio de sono mais leve. No entanto, a atonia muscular persiste impedindo a pessoa de se movimentar. Nesse momento, imagens e fragmentos do sonho ainda podem ser visualizados como alucinações. A paralisia do sono é mais frequente na adolescência.

A explicação fisiológica da paralisia do sono não interfere absolutamente na interpretação psicanalítica do fenômeno, na direção em que nos aponta Jones, em que se estabelece uma relação entre sexualidade e terror.

Quando o rapaz contou do “tapa”, a analista logo pensou que devia ter havido uma poluição noturna, mas evidentemente não interpretou. Movido pela paixão da ignorância, o rapaz nada queria saber desse gozo do Outro que o invadiu. Dessa maneira, prosseguiu em análise, “tapado”, sem abordar diretamente as questões da sexualidade. Um corpo que carrega as marcas do silêncio do dizer.

Cito Lacan (1972-1973/2010, p. 241): “Eu falo com meu corpo, e isso, sem o saber. Eu digo, portanto, sempre mais do que sei”.

Desse caso, posso dizer que o rapaz expressa o mesmo que Melchior na peça “O despertar da primavera”: “eu choro pelo fim da inocência, pela escuridão do coração humano” (Wedekind, 1891/2009, p. 1).

Peso no peito, taquicardia, respiração ofegante e suor: o que a medicina escamoteia como paralisia do sono, síndrome do pânico ou crise de ansiedade; o mito demoníaco do *íncubus* revela como sexual.

Que o simboliza

Sobre a iniciação sexual, Lacan refere-se ao pudor, fazendo um trocadilho entre *púbis* e *público*: “que o *púbis* só faça passar ao *público*, onde se exhibe como objeto de uma levatada de véu. Que o véu levantado não mostre nada, eis o princípio da iniciação” (Lacan, 1974/2003, p. 558).

Bernard (2020) aponta a expectativa presente na fantasia da iniciação sexual, como de uma revelação sobre a questão do que é ser homem ou ser mulher, no entanto esclarece que o falo, enquanto semblante, não pode ser recuperado, a levatada do véu não mostra nada, portanto:

A passagem para a adolescência será apenas a experiência reiterada da castração. (...) E já que sob o véu não há nada, Lacan pôde então deduzir daí sua tese principal: não há iniciação. Em outras palavras, ao contrário do que geralmente se imagina e se fantasia, a adolescência será precisamente a experiência realizada de que não há iniciação. (Bernard, 2020, pp. 23-24)

Para o homem, o gozo é semblante, ou seja, o gozo é fálico. Efeito da incorporação da linguagem no corpo, da incorporação simbólica, que produz uma subtração do gozo do ser e o localiza fora do corpo, na intersecção do Real com o Simbólico, portanto fora do imaginário do corpo. O significante mortifica o corpo. Essa é a dimensão do corpo deserto de gozo.

No entanto, Lacan, no seminário “De um discurso que não fosse semblante”, adverte que a mulher é a hora da verdade para o homem, pois:

(...) ninguém senão a mulher — porque é nisso que ela é o Outro — sabe melhor o que é disjuntivo no gozo e no semblante, porque ela é a presença desse algo que ela sabe, ou seja, que, se gozo e semblante se equivalem numa dimensão do discurso, nem por isso deixam de ser distintos no teste que a mulher representa para o homem. (...) Cabe dizer que tudo o que nos foi enunciado como sendo a instância do inconsciente não representa nada senão o horror dessa verdade. (...) É o que se costuma empacotar sob o registro do complexo de castração. (Lacan, 1971/2009, p. 34)

É nessa medida, ou melhor, nessa desmedida, que Um gozo, o fálico, não faz relação com o Outro.

O gozo do corpo

Lacan demonstra que há um gozo suplementar ao gozo fálico, um gozo não-to-do na função fálica. As mulheres estão no gozo fálico, “só que existe algo a mais” (Lacan, 1972-1973/2010, p. 151). Elas têm um gozo suplementar, um gozo do corpo, que é para além do falo.

O gozo do corpo, o Outro gozo, está na intersecção do Real com o Imaginário, está no imaginário do corpo, mas fora do simbólico, portanto, fora dos significantes. Essa é a dimensão do corpo substância gozante. É preciso ter um corpo para gozar.

Lacan exemplifica esse Outro gozo, gozo do corpo, com o gozo místico de Santa Tereza D’ávila, descrito em seus testemunhos sobre seus arrebatamentos e êxtases, que ela confessa como sendo a “exata verdade”:

Muitas vezes meu corpo me parecia ter ficado leve ao ponto de não ter mais peso; por vezes eu não conseguia mais sentir, de certa forma, meus pés tocarem o chão. No momento mesmo do arrebatamento, o corpo muitas vezes fica como morto e numa total impotência; ele permanece na posição em que foi surpreendido, de pé ou sentado, com as mãos abertas ou fechadas. É raro perder consciência. (...) Essa transformação total da alma em Deus dura pouco, mas enquanto ela dura, nenhuma força tem o sen-

timento de si mesma nem sabe o que passa ali. (...) Eu falo pelo que eu experimentei. (Lacan, 1972-1973/2010, p. 165)

Santa Tereza afirma dizer a verdade e, no entanto, expressa não saber o que se passa ali, atesta apenas o que experimenta. Lacan evidencia, nesse testemunho, a disjunção que se coloca entre saber e verdade: “Há um gozo, há um gozo dela, do qual talvez ela mesma não saiba nada, a não ser que o experimenta, isso ela sabe. Ela sabe, é claro, quando isso acontece. E isso não acontece com todas elas”. (Lacan, 1972-1973/2010, p. 152) “(...) É talvez isso que nos faça perceber o que tem a ver com o Outro esse gozo que se experimenta e do qual nada se sabe. Mas não será isso que nos põe no caminho da ‘*ex-sistência*’? (Lacan, 1972-1973/2010, p. 155, grifo do autor)

Santa Tereza testemunha que é Deus quem goza, o que nos permite acompanhar as articulações de Lacan, ao chamar esse gozo heteros de gozo do Outro, estabelecendo um trocadilho entre deus e dizer,² de onde podemos evocar o mito do íncubo como presentificando esse gozo do Outro, um Outro demoníaco que goza do ser, que toma seu corpo.

Nessa passagem, é importante ressaltar as relações que Lacan estabelece entre o Outro e o dizer e entre o gozo do Outro e a *ex-sistência*.

Não é o signo do amor

“O gozo do Outro, do corpo do outro que O simboliza, não é o signo do amor”. Lacan (1972-1973/2010, p. 108) diz que “resta-nos a segunda parte da frase, ligada à primeira por um ‘não é’ - ‘não é o signo do amor’”. E complementa:

Ele não é o signo, mas é contudo a única resposta. O complicado é que a resposta, ela já está dada no nível do amor, o gozo, por esse motivo, permanece uma questão, questão no fato de que a resposta que ele possa constituir não é necessária inicialmente. (Lacan, 1972-1973/2010, p. 15)

O amor é uma resposta não necessária, portanto é uma resposta possível e contingente. Já a questão do gozo permanece aberta.

É nessa defasagem entre o gozo e o amor, como uma resposta não necessária inicialmente, que Lacan situa que o desejo do homem é o desejo do Outro, “e que o amor é uma paixão que pode ser a ignorância desse desejo” (Lacan, 1972-1973/2010, p. 15).

O gozo em Lacan é o correlato da repetição oriunda da pulsão de morte em Freud. Freud diz que:

2 Dieu (Deus) — dire (dizer) .

Enquanto relação com o objeto, o ódio é mais antigo que o amor; ele surge do repúdio primordial do eu narcísico ao mundo exterior aportador de estímulos. O ódio é uma exteriorização da reação de desprazer provocada pelos objetos e mantém sempre estreito vínculo com as pulsões de conservação do eu; desse modo as pulsões do eu e as pulsões sexuais podem facilmente repetir entre si a oposição existente entre o odiar e o amar (...). Assim, a partir da história de como surgem e se desenvolvem as relações do amor, fica claro que se manifesta com frequência de modo ‘ambivalente’, isto é, acompanhado de moções de ódio contra o mesmo objeto. (Freud, 1915/2004, p. 161)

No Seminário “*Encore*”, Lacan (1972-1973/2010) formula a maneira pela qual a linguagem afeta o ser, cavando um furo, Real, no *falasser*, que ele chama ‘*ex-sistência*’. Lacan (1972-1973/2010, p. 244) diz que “nada concentra mais ódio do que esse dizer, onde se situa a ‘*ex-sistência*’”.

Um dizer que funda a *ex-sistência*. Um dizer que não. Um dizer que não há relação sexual. Que cava um furo no coração do *falasser*. Em que o amor e a ignorância são paixões que se constituem como resposta.

Posto isto, talvez possamos formular que a iniciação sexual na adolescência, no encontro com esse gozo Outro, põe à prova a experiência fundamental, constituinte, e que sua resposta põe em jogo, nas manifestações sintomáticas, as paixões do ser: amor, ódio e ignorância.

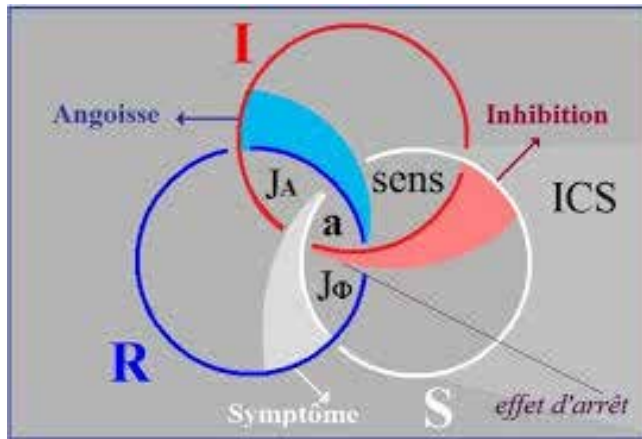
A moça de quinze anos, uma década depois do fenômeno do íncubo, iniciou uma análise que levou até sua conclusão. Respondeu à impossibilidade da relação sexual pelos percalços do amor. Buscava no amor saturar a ferida aberta no ser. E, assim, nas voltas da repetição sintomática, precisou se virar com o retorno do ódio e da ignorância no seio do amor, escrevendo uma história de tédio nas relações ou ciúmes passionais que desembocavam em desencontros, brigas e separações. Relações em que o sentido sobre o que se é como mulher não era jamais alcançado. A mulher seguia sendo sempre a Outra.

O amor busca, de maneira equívoca, fazer Um a partir desse encontro falto. Amor que uma análise pode franquear, na medida em que paradoxalmente deixa-se cair a pergunta sobre o que se é nisso, quando uma análise toca o Real e escancara a disjunção entre saber e verdade. E, assim, foi que contingencialmente a moça pôde encontrar no amor um laço inédito.

Lacan (1972-1973/2010, p. 116) diz que: “o que faz pare-ser (pois do ser não temos nunca nada), o que faz suplência a essa relação enquanto inexistente, é precisamente o amor”. E, no mesmo seminário, mais adiante, complementa: “(...) pelo encontro de sintomas, de afetos, do que em cada indivíduo marca o rastro de seu exílio — não como sujeito, mas como falante” (Lacan, 1972-1973/2010, p. 275).

Os dois fragmentos clínicos, do rapaz de doze anos e da moça de quinze, nos permitem apreender como o (des)encontro inquietante com a iniciação sexual na adolescência pode ser experimentado como uma intrusão do gozo do Outro em sua dimensão de angústia.

Figura 1. Inibição, sintoma e angústia no nó borromeano.



Fonte: Lacan, 1974-1975, inédito.

Numa leitura a partir dos nós (Lacan, 1974-1975, inédito), podemos inferir que, nesses casos, o gozo do Outro provocou uma invasão do Real no campo do Imaginário gerando angústia. Para re-enodar, o rapaz produziu uma inibição entre os registros do Imaginário e do Simbólico; a aposta em análise segue sendo re-orientar em direção ao sintoma. E a moça produziu sintomas histéricos, entre os registros do Simbólico e do Real. Assim, chegaram às suas análises, cujo desenrolar não foi tema deste trabalho.

A clínica revela que o despertar da sexualidade na adolescência atualiza e convoca os sujeitos a se valerem dos títulos que levam no bolso, se é que os possuem. Assim, é pelos semblantes que se aborda o parceiro sexual.

Lacan (1972-1973/2010, p. 272) diz que “O saber do Um não vem do corpo. O saber do Um vem do significante”. Esse saber insabido do Um, como S1, significante que sozinho tem valor de letra; saber insabido de *lalíngua*, aberto à significância. Saber insabido que uma análise revela: “há Um”, esse Um, Um dizer que se escreve e nomeia o vazio do objeto.

Um dizer que nomeia

Na peça “O despertar da primavera”, os destinos de Moritz e de Melchior foram radicalmente diferentes. Na hora da verdade, na encruzilhada entre topar com a vida ou ceder ao gozo mortífero da pulsão de morte, o homem mascarado apresentou-se a Moritz como A Mulher não barrada, a prostituta que goza com todos os homens de todas as maneiras, num gozo sem limites. Moritz não consente com o (des)encontro sexual, não topa a castração do não saber sobre a verdade e entrega-se à morte pelo suicídio.

Já para Melchior a hora da verdade apresenta-se pelo dizer de Um pai na figura do “homem mascarado”, que diz:

HOMEM — (...) Vamos, Melchior. Eu quero te apresentar o ser humano. Um mundo de possibilidades. Outros horizontes. Eu quero te apresentar as coisas interessantes que o mundo tem pra oferecer. (Wedekind, 1891/2009, p. 38)

Melchior vacila em acompanhá-lo por não conhecê-lo, e o “homem mascarado” continua:

HOMEM — Só se você confiar em mim é que vai me conhecer. (Wedekind, 1891/2009, p. 38)

Nada é mais incerto. É o que franqueia a vida.

Lacan diz que o “homem mascarado” é o nome próprio e diz ainda: “(...) o pai tem tantos e tantos [nomes] que não há Um que lhe convenha, a não ser o Nome do Nome do Nome. Não há Nome que seja o seu Nome-Próprio, a não ser o Nome como *ex-sistência*.” (Lacan, 1974/2003, p. 558).

Provavelmente por isso, Lacan disse que o “homem mascarado” é um nome próprio, o nome como *ex-sistência*, na medida em que ao menos para Melchior permitiu atar algo do Real ao Imaginário e ao Simbólico. Como disse Lacan (1974/2003, p. 558), “O fato é que um homem se faz O homem por se situar a partir de Um-entre-outros, por entrar-se entre seus semelhantes”.

Será que aqui temos uma dica do passo indicado por Lacan a partir do Seminário “*Encore*”, em *corps*, no corpo, mais-ainda?

Moritz encontrou a lápide, e Melchior, o gozo vivificante.

Referências bibliográficas

- Bernard, D. (2020). As palavras e o pudor. *Livro Zero: Revista de Psicanálise: Adventos do Real*, (10), 21-32.
- Freud, S. (2004). Pulsões e destinos da pulsão. In S. Freud. *Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (Luiz Alberto Hanns, Trad.) (vol. 1, pp. 133-162). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: A angústia*. (Vera Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963)
- Lacan, J. (2009). *O seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante*. (Vera Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1971)
- Lacan, J. (2010). *O seminário, livro 20: Encore*. (Ana Lucia Teixeira Ribeiro, Trad.) (Publicação não comercial). Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lacan, J. (2003). Prefácio a O despertar da primavera. In J. Lacan. *Outros Escritos*. (Vera Ribeiro, Trad.) (pp. 557-559). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1974)
- Lacan, J. (1974-1975). *O seminário, livro 22: RSI*. Inédito.
- Rudge, A. M. (2005). Jones e Lacan: Pesadelos, demônios e angústia. *Pulsional Revista de Psicanálise: Clinicando*, 17 (181), 80-87.
- Wedekind, F. (2009). *O despertar da primavera* (C. Botelho, versão) (Sheila Ewert, Trad.) (Zé Henrique de Paula, Adapt.). (Trabalho original publicado em 1891)

Recebido: 24/11/2019

Aprovado: 30/06/2020